

Visualização de Dados no Ensino de Jornalismo em Defesa dos Direitos Humanos: Produção de Infográficos no Blog “Minorias de Aço”

Data Visualization in Journalism Teaching in Defense of Human Rights: Infographics Production in “Minorias de Aço” Blog

Felipe Gustavo Guimarães Saldanha¹
Ivanise Hilbig de Andrade²

Resumo: O presente artigo relata a elaboração de reportagens infográficas para o blog “Minorias de Aço” pelos alunos do Curso de Jornalismo da UFU. O texto expõe uma breve reflexão sobre o papel do jornalismo nas coberturas relacionadas aos direitos humanos, o qual inspirou o desenvolvimento do referido site. Na sequência, faz considerações sobre a importância do jornalismo de dados e do jornalismo visual, apresenta alguns dos infográficos criados e avalia o sucesso da proposta.

Palavras-Chave: Direitos Humanos. Infografia. Jornalismo de Dados.

Abstract: This article shows elaboration of infographic reports for “Minorias de Aço” blog by students of Journalism Course of UFU. The text exposes a brief reflection on the role of journalism in the coverings related to human rights, which inspired the development of aforementioned website. Afterwards, it makes considerations about importance of data journalism and visual journalism, presents some of the infographics created and evaluates success of the proposal.

Keywords: Data Journalism. Human Rights. Infographics.

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela UFU. Foi professor substituto do Curso de Jornalismo da UFU (2016-2017). E-mail: fgsaldanha@gmail.com

² Jornalista. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Docente do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da UFU. E-mail: ivaniseha@gmail.com

.....

1 Introdução

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) caracteriza-se pela “universalidade e indivisibilidade dos direitos humanos” (DDHH), ou seja, os direitos se estendem a todas as pessoas, indistintamente, e devem ser garantidos em todos os seus aspectos: “Quando um deles é violado, os demais também o são” (PIOVESAN, 2008, p. 243). Apesar desse entendimento, nem todos os países conseguem promover e garantir, com equidade, todos os direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais previstos na normativa.

Os princípios gerais da declaração são fundados sobre o respeito à dignidade e ao valor de cada pessoa. Os DDHH são universais, o que quer dizer que são aplicados de forma igual e sem discriminação a todas as pessoas; são inalienáveis, e ninguém pode ser privado de seus direitos humanos, embora eles possam ser limitados em situações específicas. Por exemplo, o direito à liberdade pode ser restringido se uma pessoa é considerada culpada de um crime diante de um tribunal e com o devido processo legal. Por fim, os DDHH são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, já que é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e outros não. Na prática, a violação de um direito vai afetar o respeito por muitos outros. Todos os DDHH devem, portanto, ser vistos como de igual importância, sendo igualmente essencial respeitar a dignidade e o valor de cada pessoa.

Nesse contexto, inúmeras violações de direitos têm sido pauta recorrente não apenas nos meios de comunicação, mas também dentro da própria universidade, mobilizando os estudantes de Jornalismo na busca por compreender melhor a realidade das pessoas que vivem na cidade. O projeto do blog “Minorias de Aço” surge, então, como possibilidade de aprendizado não apenas das práticas de produção jornalística, mas também de vivências sobre questões sociais importantes como os DDHH.

Assim, o presente artigo tem como objetivo relatar o processo de produção do blog e refletir, por um lado, sobre as potencialidades dessa plataforma digital como ferramenta de

aprendizado e, por outro, sobre a visualização de dados no ensino do Jornalismo em defesa dos direitos humanos. O projeto foi realizado entre agosto e dezembro de 2017 pelos estudantes da nona turma do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), durante a disciplina “Projeto Interdisciplinar em Comunicação II” (PIC II), e buscou integrar conhecimentos de outras matérias do curso, além de incentivar os alunos na prática da produção jornalística.

O blog foi pensado em conjunto pela turma para ser um portal de informações que pudesse dar visibilidade às questões relacionadas aos DDHH, sejam casos de violações ou ações de defesa e promoção, oportunizando a sensibilização tanto da comunidade acadêmica da UFU quanto da sociedade uberlandense sobre tais direitos.

O conteúdo do blog buscou informar, a partir de um olhar humanizado, dados e histórias de vida relacionados à temática. Com isso, possibilitou o exercício das práticas jornalísticas por meio de um projeto que aliou a vivência teórica em sala de aula com a reflexão sobre os direitos humanos, além de incentivar a escrita fundamentada em critérios jornalísticos – desde a elaboração de pautas, apuração, noticiabilidade, revisão, edição até a atualização dos conteúdos do site – e apresentação dos dados por meio de narrativas não convencionais, baseadas na indissociabilidade entre imagem e texto, como os infográficos, especialmente aqueles baseados em dados.

2 Noções de direitos humanos e prática jornalística: atividades da disciplina “Projeto Interdisciplinar em Comunicação II”³

O blog “Minorias de Aço”⁴ está embasado nos preceitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e tem o intuito de discutir, de forma objetiva e humanizada, temáticas relacionadas à defesa, garantia e promoção desses direitos, possibilitando dar visibilidade a questões de gênero, violência, educação, saúde, moradia, imigração, entre outros.

³ As questões abordadas aqui foram originalmente discutidas no artigo de Andrade, Saldanha e Corrêa (2017).

⁴ O nome do blog remete ao curta-metragem de mesmo nome produzido por Rodolfo Garcia, um dos alunos da nona turma do curso de Jornalismo da UFU, e disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=wZaHUXt-Sq0>.

Igualmente previsto na referida Declaração, no artigo 19, e fundamental inclusive para a promoção dos demais direitos, é o livre acesso a informações: “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (ONU, 1948, s.p.). Os profissionais de Jornalismo têm, com base neste artigo, o dever ético e profissional de trabalhar para garantir tal direito.

Assim, é papel do jornalista informar, noticiar, agendar e promover debates, além de dar visibilidade a temas de relevância de qualquer natureza. Nas sociedades democráticas, os meios de comunicação tiveram e têm papel importante na divulgação, análise e fiscalização dos direitos humanos e suas violações. Contudo, há diferenças entre as funções dos indivíduos e das instituições.

Para Piovesan (2008, p. 245), “não há direitos humanos sem democracia, tampouco democracia sem direitos humanos”. Segundo a autora, o regime mais compatível com a proteção dos DDHH é o regime democrático, pois o pleno exercício dos direitos possibilita o “empoderamento” das populações mais vulneráveis, aumentando sua capacidade de pressão, articulação e mobilização políticas. Nesse quesito, os meios de comunicação figuram como espaço estratégico de divulgação e mobilização em prol da defesa e da promoção de direitos. “O trabalho da mídia fomenta e assegura a garantia da liberdade de pensamento e de expressão das múltiplas vozes que compõem uma sociedade” (ALMEIDA, 2008, p. 257).

Segundo a jornalista Verônica Almeida (2008), pesquisas têm demonstrado que há um avanço da cobertura de temas relacionados aos direitos humanos no Brasil; porém, esse avanço ainda não é o ideal, principalmente porque, em geral, as matérias não tratam os direitos sociais como DDHH e quase nunca estabelecem relação entre eles e o desenvolvimento humano. A autora aponta que o problema deve-se, em parte, às limitações do processo de produção e transmissão da notícia, mas também colaboram a “inexperiência, a história de vida do profissional e o fato de a formação em direitos humanos ser deficiente no Brasil em todos os níveis educacionais, da escola à universidade (ALMEIDA, 2008, p. 254-255).

Uma das soluções frequentemente apontadas por pesquisadores em Mídia e Direitos Humanos é o investimento na formação dos futuros jornalistas, visto que muitas vezes o viés e o enquadramento que será dado a uma questão ou fato está modelado por referenciais sociais e culturais relacionados às experiências de vida do repórter. Nesse sentido, Almeida (2008, p. 261) reforça que as faculdades de Jornalismo têm função importante nesse processo, afinal “o curso existe para ensinar os estudantes a produzirem notícias de qualidade e isso não deve se limitar à forma de elaborar uma pauta, escrever um texto, usar fotos ou imagens”.

A função social do jornalista tem sido, ainda, transformada com o advento das tecnologias digitais de comunicação, em especial a internet e os dispositivos móveis. Para a sociedade, esta é a oportunidade de promover a participação popular em arenas públicas digitais, não institucionalizadas, que podem influenciar as agendas da mídia e do Estado: “se sobressalta a possibilidade de discussões empreendidas nesse espaço virtual alcançarem e, quando ideal, provocarem outros setores da sociedade, sobretudo a classe política” (CARVALHO; LOURENÇO, 2013, p. 188).

Para os profissionais, abrem-se as possibilidades de produzir narrativas multimidiáticas, livres da restrição espaço-temporal imposta por outros meios. Para ambos, produtores e receptores, o relacionamento antes unilateral agora se dá por meio de formas muito mais ricas de interatividade, nas quais o público também pode participar ativamente da construção das reportagens e das discussões sobre elas.

Definido como uma mídia social por Varela (2007), o blog é um espaço em que os indivíduos estão associados em redes, conectando “ideias, textos e outros conteúdos informativos e de opinião [...] [que vão] estimular a participação dos cidadãos na criação de conteúdos em rede” (VARELA, 2007. p. 54). É justamente essa conexão de conteúdos e a facilidade de acesso à internet nos dias de hoje que levou à escolha do formato blog para realizar tal projeto.

O teor informativo do blog juntamente com seu potencial interativo e a facilidade de difusão da informação foram responsáveis pela reciprocidade de comunicação que envolveu o projeto, aumentando assim o teor social pretendido. Assim, o blog, enquanto um dos

fenômenos da cultura digital contemporânea, permite realizar uma prática jornalística mais flexível e com maior liberdade de edição e construção. A possibilidade da produção de um jornalismo coletivo contribuiu para a perspectiva humanizada e social do projeto, uma vez que cada participante pôde contribuir com o que julgava importante ser produzido e divulgado.

A plataforma escolhida para o desenvolvimento do trabalho, além de possibilitar flexibilidade e liberdade de produção e acesso, tem capacidade de suportar os vários formatos de conteúdo para internet, tais como textos, imagens, podcasts e vídeos. A principal intenção era que o blog possuísse uma interface de fácil navegação e compreensão, de forma que pudesse ser acessível pelo maior número de leitores, independentemente, por exemplo, da baixa qualidade da conexão de internet (seja wi-fi ou 3G).

O desenvolvimento do blog foi orientado pelos professores Felipe Saldanha, Ivanise Andrade e Vinícius Souza, do curso de Jornalismo da UFU, e constituiu-se de várias etapas: planejamento editorial e gráfico, elaboração de pautas, entrevistas, redação de textos, produção de fotografias e vídeos, edição, publicação e divulgação do conteúdo. Logo após uma primeira pré-apuração de temas que poderiam ser pautas para o blog, os estudantes se reuniram com os professores responsáveis pelo projeto para discutir as propostas e sua viabilização. Após a decisão e o estabelecimento das pautas e dos grupos que iriam produzi-las, os alunos começaram o trabalho de redação e produção das matérias. Quando finalizados, os textos eram enviados para o integrante do grupo responsável pela edição, o qual revisava o conteúdo antes do envio à professora da disciplina, para checagem final e postagem no blog.

Durante todo o processo, foi estabelecido um rodízio entre as funções de repórter, fotógrafo, editor-assistente e editor-chefe, que proporcionou aos estudantes a experiência de vivenciar o papel de cada um. Assim, ao cumprir sua função no grupo, cada um realizou sua parte do trabalho e contribuiu para o projeto como um todo.

As editorias do blog são divididas por formato: “Notícias”, “Reportagens”, “Perfis”, “Resenhas”, “Opiniões” e “Relatos” (para contribuições de leitores, anonimamente ou não).

A paleta de cores é composta de preto, branco e tons de cinza, escolhidas pelos alunos pela sua associação com o aço (que dá nome ao site) e a resistência social. O cabeçalho contém a marca do blog e o menu principal com as editorias, tendo como plano de fundo fotos diversas, em escala de cinza, de pessoas que fazem parte de minorias sociais. Abaixo, a barra lateral apresenta informações gerais e de contato. A página inicial, mostrada na Figura 1, exibe um carrossel com as matérias em destaque, ocupando toda a largura da tela, e uma lista com todas as postagens. Um exemplo de página interna, que segue o mesmo projeto gráfico, é indicado na Figura 2.



FIGURA 1 – página inicial do blog “Minorias de Aço”.

FONTE – <http://minoriasdeaco.com/>. Acesso em: 22 jun. 2018.



FIGURA 2 – uma das páginas internas do blog “Minorias de Aço”.
FONTE – <http://minoriasdeaco.com/>. Acesso em: 22 jun. 2018.

3 Noções de visualização de dados e infografia: atividades da disciplina “Planejamento Gráfico”

As novas tecnologias digitais de informação e comunicação, bem como a imensa quantidade de informação que se tornou disponível por meio delas, abriu novas possibilidades de se contar histórias – tanto no sentido de automatizar etapas da apuração quanto de propiciar formas mais envolventes, inclusive interativas, de se apresentar uma reportagem – no que se convencionou chamar de Jornalismo de Dados (BRADSHAW, 2012). Uma possível definição para “dados” – em que pese existirem outras, dada a complexidade do tema – é a de “observações, fatos ou valores numéricos que podem ser descritos,

mensurados, interpretados ou analisados” (CHIASSEON; GREGORY, 2014, p. 270, tradução nossa). Portanto, trata-se de informações que podem ser ou não passíveis de quantificação.

A utilidade pública do Jornalismo de Dados torna-se ainda mais evidente quando se leva em conta que o poder público é obrigado a garantir o acesso às informações que produz, conforme previsto na Lei nº 12.527/2011, e a prestar contas da gestão fiscal na internet em tempo real, em obediência à Lei Complementar nº 101/2000. Outras bases de indicadores socioeconômicos e geográficos também são disponibilizadas *online* por instituições de natureza variada – oficiais, internacionais, acadêmicas. Tais instrumentos constituem-se, assim, nos mecanismos jurídicos e técnicos necessários para oportunizar e viabilizar investigações pormenorizadas sobre os meandros da administração pública e o desenvolvimento da sociedade em aspectos diversos.

Em qualquer matéria jornalística, a organização gráfica é fundamental para estabelecer hierarquia, atribuindo níveis de importância distintos para cada informação e guiando a leitura⁵. Para além de fotos, ilustrações e variações tipográficas, destaca-se como principal elemento do jornalismo visual o infográfico, formado por uma combinação de texto e imagem que se coloca como opção para permitir a compreensão de um fenômeno difícil de ser descrito por meio de uma narrativa convencional, predominantemente textual (TEIXEIRA, 2010; KANNO, 2013)⁶. Nas matérias baseadas em dados, os elementos visuais permitem construir uma visualização bem projetada, importante para evitar a desorganização de uma história complexa e auxiliar na construção de um modelo mental de um fato, tendência ou processo (MCGHEE, 2012). Inclusive, em pesquisa realizada recentemente sobre veículos dos Estados Unidos e do Reino Unido, Cairo (2017) descobriu que

⁵ As funções da comunicação visual – apresentar mensagens de forma clara classificando, diferenciando, informando e atuando sobre as emoções – e o seu confronto com a dimensão estética, que não deve se sobrepor sob pena de comprometer a compreensão desejada, são objeto de estudo do design gráfico, há pelo menos um século (NEWARK, 2009). No âmbito específico do jornalismo, os estudos “EyeTrack” conduzidos pelo Poynter Institute foram pioneiros em investigar o comportamento do leitor (MEIRA DA ROCHA, 2007).

⁶ Os autores citados divergem sobre a classificação de mapas e gráficos como infográficos ou meramente elementos iconográficos. Neste último caso, defende-se que o infográfico jornalístico pressupõe uma narrativa sobre um fenômeno singular e apresenta imagens indissociáveis do texto que não tenham valor apenas estético e ilustrativo (TEIXEIRA, 2010).

departamentos especializados em jornalismo visual têm mudado do foco em explanações pictóricas para um direcionamento do trabalho por dados, até mesmo agregando programadores e cientistas.

Apesar da relevância dos infográficos e da visualização de dados para o jornalismo, a sua presença no ensino universitário ainda é muito baixa. Teixeira (2010) destaca o baixo número de cursos de graduação no Brasil (e em Portugal) que dedicam disciplinas à infografia e as dificuldades relatadas por profissionais que saíram da faculdade sem um entendimento adequado sobre o assunto. Cairo (2012) aponta que a situação é agravada pela falta de uma cultura científica e de pesquisa no mercado e mesmo na academia, de modo que faltam aos jornalistas habilidades necessárias para a leitura e manipulação de dados.

Este contexto justifica a pertinência e a importância de introduzir atividades voltadas ao jornalismo de dados e à infografia no fluxo curricular do curso de Jornalismo da UFU. No caso específico aqui relatado, a oportunidade surgiu no momento de elaboração do plano da disciplina “Planejamento Gráfico”. A ficha de componente curricular, parte do projeto pedagógico do curso, descreve “Infografias: produção e tipologias no impresso e na web” como um dos itens do programa a ser observado pelo professor ministrante.

Também por exigência do projeto pedagógico, todas as disciplinas devem ser integradas ao “Projeto Interdisciplinar em Comunicação” do respectivo período – no caso, o PIC II. Tendo em vista que o projeto em questão é um blog jornalístico, formatou-se a proposta de incluir, entre as atividades avaliativas de “Planejamento Gráfico”, a elaboração, em duplas ou trios, de uma reportagem infográfica – tipo mais sofisticado e aprofundado de infográfico segundo a tipologia de Teixeira (2010) – a ser publicada no blog “Minorias de Aço” e que, portanto, abordasse a temática dos direitos humanos.

A fim de municiar os alunos com conteúdos teóricos pertinentes à realização desse trabalho, o cronograma da disciplina foi estruturado de forma a contemplar, nas primeiras aulas, noções básicas sobre o design gráfico e as aplicações mais diretamente relacionadas ao jornalismo (tais como tipografia, *grid*, design de capa, etc.) e de uma introdução à produção gráfica e diagramação. O tema das aulas seguintes foi o jornalismo visual: histórico,

comportamento do leitor e etapas de produção; além da apresentação de *cases* premiados, a título de referência. Finalmente, foram discutidas as quatro categorias de infográficos definidas por Kanno (2013)⁷: artes-texto, mapas, gráficos e diagramas ilustrados; bem como seus respectivos formatos e as técnicas para sua elaboração. Os mapas e gráficos, que constituem o cerne da visualização de dados, mereceram atenção especial e a eles foi dedicada uma oficina que incluiu indicações de bases publicamente acessíveis e instruções para uso do *software online* Infogram (<http://infoagr.am>), específico para elaboração de infográficos.

4 Reportagens infográficas baseadas em dados: atividade interdisciplinar

A elaboração da reportagem infográfica em “Planejamento Gráfico” foi articulada com produção, em PIC II, de uma reportagem “tradicional” para o “Minorias de Aço”. A proposta foi aproveitar a pauta já feita, explorando o aspecto da história que seria mais bem contado de forma visual. A pauta teve formato livre, mas deveria informar, preferencialmente, proposta/gancho, encaminhamento, sugestões de fontes e perguntas, além de uma proposta descritiva do infográfico. Os alunos foram instruídos a observar, ainda, a pluralidade de vozes e a importância do uso de dados, para além de entrevistas, de forma a dar sustentação à explicação dos fenômenos reportados, de modo a evitar que o resultado final fosse uma mera reportagem declaratória.

A atividade foi realizada ao longo de quatro semanas, iniciando-se com a entrega das pautas, com orientações contínuas dos docentes responsáveis pelas disciplinas envolvidas tanto em sala de aula quanto em atendimentos fora do horário de aula. Os estudantes deveriam se basear nos formatos de infográfico apresentados em sala e incluir, no mínimo,

⁷ A tipologia de Mario Kanno é baseada em um repertório de soluções visuais e editoriais e diretamente inspirada pela prática profissional, dado que o autor foi editor adjunto de arte da Folha de S.Paulo. Já a tipologia de Tattiana Teixeira – infográficos podem ser enciclopédicos ou jornalísticos; podem ser independentes ou complementares; o jornalístico independente também é chamado de “reportagem infográfica” – diz respeito à universalidade da explicação e autonomia na página. Teixeira é pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

todos os elementos obrigatórios para caracterizá-lo como tal: título, *lead*, créditos e fontes (TEIXEIRA, 2010).

Reforçou-se a importância de ter, com a reportagem infográfica, alguns cuidados importantes de se dispor a qualquer conteúdo jornalístico, tais como: não repetição de informações nos elementos de titulação, *lead* e restante do corpo da matéria; prioridade no uso de fontes primárias (em contraposição a textos de outros veículos, por exemplo); uso de imagens de autoria própria ou disponíveis em bancos gratuitos. Além disso, considerando as possibilidades de transparência e leitura não linear proporcionadas pelo meio digital, pediu-se para que links de acesso às fontes consultadas fossem inseridas no produto final.

Na aula da última semana, as reportagens infográficas foram finalizadas em esquema similar ao de “fechamento” em uma redação de jornal. Os alunos utilizaram um laboratório de informática da Vila Digital da UFU, onde receberam as últimas orientações do docente de “Planejamento Gráfico” e, com o auxílio da monitora da disciplina, fizeram o *upload* das versões finais de seus trabalhos no sistema de gerenciamento de conteúdo do blog. Isso propiciou maior rapidez e qualidade na publicação dos trabalhos, uma vez que eventuais ajustes eram sugeridos, apurados e efetivados ainda durante a aula.

As reportagens infográficas produzidas – que podem ser acessadas no endereço <http://minoriasdeaco.com/tag/infograficos/> – apresentam uma variedade de assuntos, todos eles vinculados à grande temática dos DDHH, conforme o projeto editorial do “Minorias de Aço”: racismo, representação LGBT+, intolerância religiosa, violência contra a mulher, direitos das pessoas com deficiência, entre outros. As principais fontes foram relatórios de pesquisa e bases de dados mantidas por instituições governamentais, de pesquisa e/ou pertencentes à ONU.

Muitos trabalhos foram bem-sucedidos na construção de mapas e gráficos a partir dos dados brutos, conforme o formato mais apropriado. Gráficos de linha foram a opção para variações de tendência ao longo do tempo; gráficos de barra foram usados para comparações de valores e mantiveram base zero, evitando distorções; gráficos de pizza mostraram as divisões de uma quantidade total; como mostram as Figuras 3, 4 e 5:

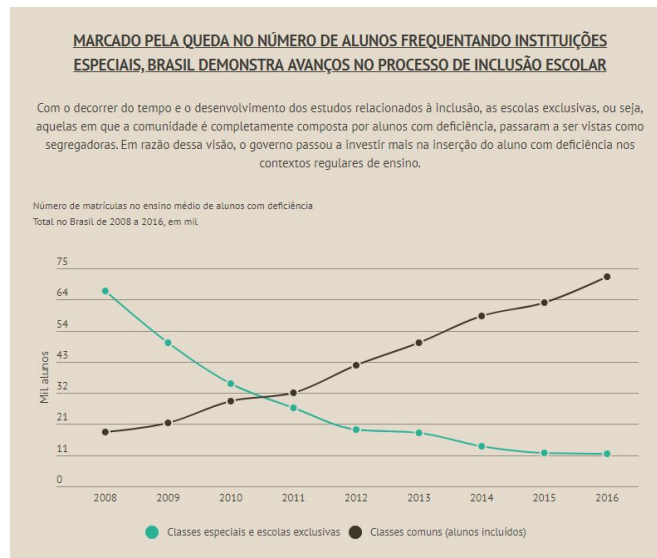
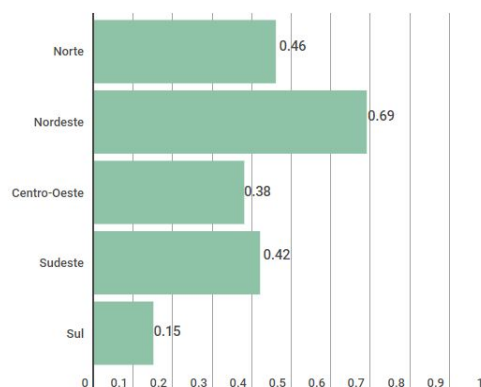


FIGURA 3 – gráfico de linha integrante da reportagem infográfica “Educação inclusiva: para muitos, por todos”, produzida pelas alunas Clarice Bertoni e Tamira Barbosa Leal.

FONTE – <https://infogram.com/educacao-inclusiva-para-muitos-por-todos-1gj725d355z5p11>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Nordeste lidera em número de denúncias a cada 100 mil habitantes



Em relação a taxa populacional, a região Nordeste aparece em primeiro lugar com 0.69 denúncias a cada 100 mil habitantes. Seguido pela região Norte (0.46), Sudeste (0.42), Centro-Oeste (0.38) e Sul (0.15).

FIGURA 4 – gráfico de barra integrante da reportagem infográfica “Religiões africanas são as que mais sofrem preconceito no Brasil”, produzida pelos alunos Felipe Fortunato de Melo e Eduardo Lutfala Simões.

FONTE – <https://infogram.com/step-by-step-charts-1h7z2lw1ydg6ow>. Acesso em: 20 jun. 2018.

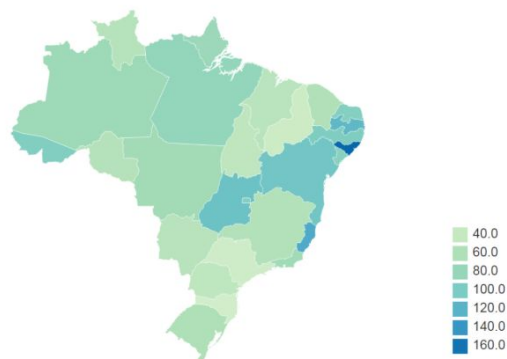


FIGURA 5 – gráfico de pizza integrante da reportagem infográfica “Qual o perfil da comunidade LGBT+ no Brasil?”, produzida pelo aluno Vinicius Ribeiro.

FONTE – <https://infogram.com/step-by-step-charts-1h7z2lw1ydg6ow>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Mapas foram utilizados para contrastar diferenças entre indicadores sociais regionais ou identificar a localização geográfica de instituições importantes no contexto da matéria, conforme se vê nas Figuras 6 e 7 a seguir:

Taxa de homicídio de jovens negros por região
(a cada 100 mil habitantes)



Os jovens representam as principais vítimas dessa situação. O reflexo dessa violência e desigualdade incide também na participação da população negra e parda nas prisões brasileiras, em que são a grande maioria.

FIGURA 5 – mapa integrante da reportagem infográfica “A violência que resulta do racismo no Brasil”, produzida pelos alunos Matheus Minuncio e Tuila Tachikawa.

FONTE – <https://infogram.com/a-violencia-que-resulta-do-racismo-no-brasil-1hkv2njq1qqo6x3>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Onde estão os projetos?





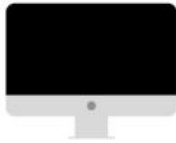
-  **CEAI 1**
Av. Rondon Pacheco, nº5865, Bairro Brasil
-  **CEAI 2**
R. Senegal, nº30, Bairro Laranjeiras
-  **CEAI 3**
R. Roberto Margonari, nº100, Bairro Luizote de Freitas
-  **CEAI 4**
Av. do Carnaval, nº415, Bairro Guarani
-  **AFRID - CAMPUS EDUCA**
R. Benjamim Constant, nº1286, Bairro Nossa Sra. Aparecida
-  **SESC**
R. Benjamim Constant, nº844, Bairro Nossa Sra. Aparecida

FIGURA 4 – mapa integrante da reportagem infográfica “Melhor Idade”, sobre projetos de atividades recreativas e esportivas para idosos, produzida pelos alunos João Ricardo Camilo e Jhonatan Gonzaga. FONTE – <https://infogram.com/info-melhor-idade-1h7g6k95n1do2oy>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Finalmente, considerando que a infografia não se resume à visualização de dados, destacam-se os trabalhos que fizeram bom uso de ícones, destaques visuais de números (“scores”) e outras modalidades de arte-texto, explorando formas criativas de diagramação mesmo de conteúdos predominantemente textuais, como se percebe nas Figuras 6 e 7 abaixo. Alguns destes trabalhos, inclusive, tiveram uma característica utilitária interessante, ao se preocuparem em oferecer um serviço ao leitor relativo à garantia de seus direitos ou mesmo à busca por maior qualidade de vida:

COMO INGRESSAR





1- Edital e Solicitação

O primeiro passo é preencher a solicitação e assinar os termos de adesão do Ministério da Educação (MEC) disponíveis [aqui](#). Além disso, é necessário conferir as informações e disposições gerais do programa de assistência estudantil da UFU, [neste site](#).

2- Documentação

As cópias dos documentos necessários para a inscrição devem ser submetidos junto ao formulário socioeconômico. Ambos estão disponíveis [neste link](#). É importante lembrar que apenas envelopes com toda a documentação solicitada serão analisados pela Universidade.







3- Elegibilidade


Tudo certo com os documentos? Ótimo! Depois de entregues, os papéis serão conferidos e submetidos aos critérios de avaliação, que incluem variáveis econômicas e sociais para determinar o grau da necessidade dos candidatos.


FIGURA 6 – parte de arte-texto integrante da reportagem infográfica “Moradia estudantil: vagas diminuem 20% em cinco anos”, produzida pelos alunos Gabriel Caixeta e Luiz Gustavo Ribeiro.
FONTE – <https://infogram.com/step-by-step-charts-1hke60v3elp025r>. Acesso em: 20 jun. 2018.

FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- 

Física: Qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde mental da mulher.
- 

Psicológica: Conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima, ou que a prejudique e perturbe.
- 

Moral: Conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.
- 

Sexual: Conduta que constranja a mulher a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada.

FIGURA 7 – arte-texto integrante da reportagem infográfica “Violência contra a mulher: Brasil a Uberlândia”, produzida pelos alunos Caroline Stephanie Soares Rangel e Roberto Vicente.
FONTE – <https://infogram.com/untitled-infographic-1hxr4zm9ro5o2yo>. Acesso em: 20 jun. 2018.

5 Considerações finais

Numa avaliação geral de todas as reportagens infográficas elaboradas, percebe-se que houve uma diversidade de temáticas escolhidas e bases consultadas e que as produções foram, em geral, bem-sucedidas na contextualização das informações e na sua apresentação estética de forma didática e atrativa. Os conteúdos teóricos trabalhados pelas disciplinas “Projeto Interdisciplinar em Comunicação II” e “Planejamento Gráfico” foram aplicados de maneira criativa, como é possível notar na preocupação com as temáticas vinculadas aos DDHH e nos cuidados pertinentes ao jornalismo visual.

É interessante ressaltar a dedicação dos alunos em buscar o domínio de uma prática que, como se discute neste texto, ainda é deficitária tanto no campo profissional quanto nas graduações em Jornalismo. Espera-se, assim, que os estudantes possam levar para toda a sua carreira o cuidado na busca por formas não convencionais de representação das informações jornalísticas, aliado com a sensibilidade para o tratamento de assuntos urgentes e tão relevantes para a sociedade.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Verônica. A mídia e os direitos humanos. In: CANELA, Guilherme (org.). **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. São Paulo: ANDI e Cortez Editora, 2008. p. 254-263.

ANDRADE, Ivanise Hilbig de; SALDANHA, Felipe; CORRÊA, Mariana Solis. Glória em foco: o blog como ferramenta de luta e informação. **Revista Alterjor**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 22-35, ago. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/134038/131030>>. Acesso em: 22 jun 2018.

BRADSHAW, Paul. O que é jornalismo de dados? In: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy (ed.). **Manual de Jornalismo de Dados**. EJC/OKFN, 2012. Disponível em: <http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_0.html>. Acesso em: 8 ago. 2016.

CAIRO, Alberto. Existe jornalismo de dados e visualização no Brasil? In: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy (ed.). **Manual de Jornalismo de Dados**. EJC/OKFN,

2012. Disponível em: <http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_6.html>. Acesso em: 8 ago. 2016.

_____. **Nerd Journalism: How Data and Digital Technology Transformed News**. 2017. 272 f. Tese (Doutorado) - Doctoral Programme In The Information And Knowledge Society, Universitat Oberta de Catalunya, Barcelona, 2017.

CARVALHO, Juliano Maurício de; LOURENÇO, André Luís. Clivagem da democracia no plano digital da esfera pública. In: CARVALHO, Juliano Maurício de; MAGNONI, Antonio Francisco; PASSOS, Mateus Yuri. **Economia política da comunicação: digitalização e sociedade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 172-191.

CHIASSON, Trina; GREGORY, Dyanna (org.). **Data + Design: simple introduction to preparing and visualizing information**. Columbia: Infoactive/RJI, 2014. Disponível em: <<http://infoactive.co/data-design>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

KANNO, Mário. **Infografe: como e porque usar infográficos para criar visualizações e comunicar de forma imediata e eficiente**. São Paulo: infolide.com, 2013. Disponível em: <<http://www.infolide.com/2013/08/infografe-o-novo-livro-de-infografia-de.html>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

MCGHEE, Geoff. Usando visualização para contar histórias. In: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy (ed.). **Manual de Jornalismo de Dados**. EJC/OKFN, 2012. Disponível em: <http://datajournalismhandbook.org/pt/comunicando_os_dados_4.html>. Acesso em: 8 ago. 2016.

MEIRA DA ROCHA, José Antonio. **Zonas de visualização da página impressa**. 10 ago. 2007. Disponível em: <<http://meiradarocha.jor.br/news/2007/08/10/zonas-de-visualizacao-da-pagina-impressa/>>. Acesso em: 29 set. 2016.

NEWARK, Quentin. **O que é design gráfico?** Porto Alegre: Bookman, 2009.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em: 21 maio 2017.

PIOVESAN, Flávia. A concepção contemporânea de direitos humanos. In: CANELA, Guilherme (org.). **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. São Paulo: ANDI e Cortez Editora, 2008. p. 242-253.

TEIXEIRA, Tattiana. **Infografia e jornalismo: conceitos, análises e perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2010.

VARELA, Juan. Jornalismo participativo: o Jornalismo 3.0. In: ORDUNA, Otavio I. Rojas (org.). **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.